

CONVERSÇÕES . . .

novembro 2010

VOL. II, NO. 4

...com Irmã Judette Gallares, RC



[Lendo Gênesis, de Pe. Jim Hasse, S.J.]

“As mulheres estão convocando mulheres e homens a expressar uma espiritualidade que afirme a Palavra de Deus no mundo, acolhendo tanto a transcendência como a imanência: uma espiritualidade que tome em consideração a inteireza das coisas, que sinta a relacionalidade que vincula o conjunto à unidade. O ecofeminismo nos oferece uma nova perspectiva do mundo e serve como um desafio profético contra estruturas e sistemas injustos.”

[Irmã Judette Gallares, RC]



Enunciado da Diretriz do Capítulo Geral de 2008 das Irmãs Franciscanas dos Pobres

“ . . . sentir no seu ventre Infinito peso e leveza; carregar na oculta, finita interioridade, nove meses de Eternidade; conter no delicado vaso do ser o sumo poder – e, na carne limitada, a suma luz. Depois, fazer nascer, impelir para a atmosfera o Homem-criança carente, como outro qualquer, de leite e amor – mas que era Deus.”
- [Denise Levertov – **Anunciação**]

Paz e bem a todos!

Damos aqui continuidade a esta nossa série de conversações no intuito de explorar mais a fundo

o significado da diretriz do nosso Capítulo Geral: “Gerar compaixão e esperança na comunidade da vida”. Nesta série trimestral publicamos entrevistas e conversações com teólogos e especialistas. Neste número, temos o privilégio de dialogar com Irmã Judette Gallares, RC, sobre a contemplação e os aspectos proféticos do feminismo e a vida religiosa. Durante a reunião de 2010 da UISG (União Internacional das Superiores Gerais) que teve lugar em Roma, Irmã Judette realizou uma palestra sobre o chamado profético à vida religiosa intitulada: “Abrir o Coração para Ouvir: Tornar-se Místicas e Profetas, Hoje”. Nascida nas Filipinas, Irmã Judette é membro das Religiosas do Cenáculo. Ministrando como diretora espiritual, ela tem realizado numerosos retiros espirituais. Depois de trabalhar como Formadora para a sua Congregação e de se envolver por muitos anos em programas inter-congregacionais de formação religiosa, Irmã Judette é professora de Espiritualidade no Instituto para a Vida Consagrada na Ásia e professora visitante de Estudos Bíblicos na Universidade de São Tomás, nas Filipinas. É editora da revista Religious Life Asia Magazine e autora de vários livros e de muitos artigos publicados sobre a mulher e a Bíblia, espiritualidade e formação religiosa.



Esperamos que visitem frequentemente o nosso site congregacional e que se sintam convidados a partilhar conosco nossa missão de gerar compaixão e esperança na comunidade da vida.

Irmã Tiziana Merletti, sfp
Ministra Congregacional
e Conselho

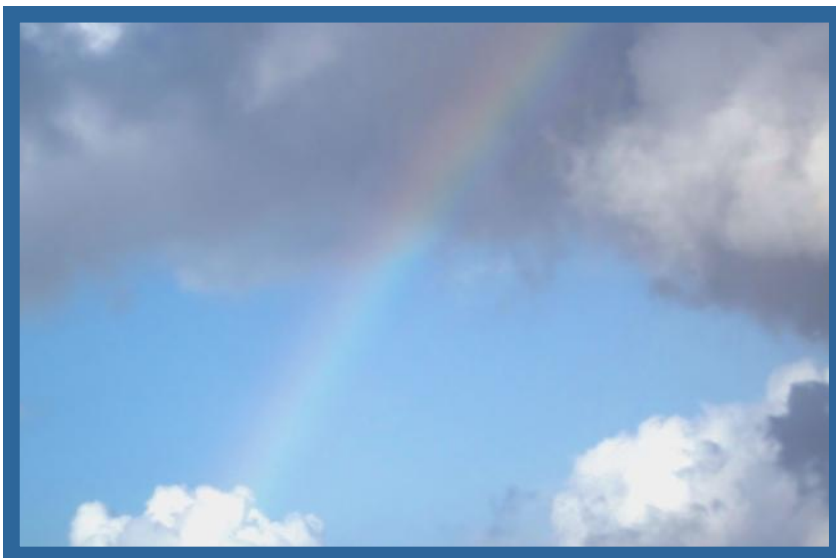
Irmã Judette, você afirma que “Como religiosas, estamos sendo chamadas a sermos mais atentas à presença do sagrado na nossa caminhada interior, na vida dos outros, e através da inteira criação”. Poderia partilhar conosco algumas sugestões que ajudem a nos conscientizarmos cada vez mais dessa presença do sagrado?



Podemos começar, em meio à nossa agenda lotada, procurar passar alguns momentos em profundo silêncio. Mesmo a simples atitude de prestar atenção ao ritmo da nossa própria respiração, para assim aquietar conscientemente o nosso ser interior, poderia

ser um modo de praticar o silêncio. O mundo é barulhento demais e nós temos a tendência de deixar esse barulho invadir a nossa psique. Para mim, a disciplina do silêncio é muito importante.

Simplex exercícios como caminhar silenciosamente, observando a natureza ao nosso redor, podem nos ajudar a expandir nossa capacidade de nos sentirmos unidas à inteira criação – talvez até da mesma maneira que Jesus experimentava a sua união com o mundo, quando procurava lugares silenciosos para orar e comungar com Deus,



numa montanha ou num deserto, sob o firmamento e as estrelas.

Senti-me muito inspirada por um texto de Albert Nolan, dominicano sul-africano, no qual

afirma que para termos plena participação na espiritualidade de Jesus devemos incluir as experiências da nossa união com o universo, uma vez que Jesus experimentou a inteira natureza, que inclui a nós, seres humanos, como criação de Deus. Já São Francisco de Assis havia tido essa mesma impressão, bem como outros santos e pessoas devotas de outras religiões.



Precisamos reler o Evangelho contemplando Jesus a partir da perspectiva do mundo pós- moderno de hoje para descobrir, de uma nova maneira, quais foram os valores e as atitudes de Jesus sobre seus mais fortes sentimentos, sobre as histórias de vida que o afetaram e o influenciaram, sobre o que era importante e memorável para Ele, tudo o que o comovia, e tudo

aquilo que Ele amava profundamente. Em oração, poderíamos por exemplo permitir que Jesus nos contasse as experiências de vida que formaram as suas convicções sobre cada uma das Beatitudes, como por exemplo quando disse: “Felizes os que choram...” Quais foram concretamente as experiências do luto e do pesar em sua vida que lhe deram a profunda certeza de que eles “...serão consolados”?

Atentos à presença do sagrado no nosso cotidiano, podemos abordar esse tema mediante processos psico-espirituais. O que quer dizer que precisamos continuar procurando o nosso “eu” mais autêntico, aquela pessoa que somos desde que fomos criados e chamados a ser, mas apreciando um pouco mais a complementariedade

entre o desenvolvimento humano e o crescimento espiritual. Precisamos portanto manter-nos abertos a alguns desses processos psico-espirituais, como meios de conhecer e compreender a complexidade do nosso ser interior. Precisamos entrar em discernimento e, ao mesmo tempo, evitar cair na “armadilha da moda”. Precisamos escolher meios que nos levem a uma maior auto-transcendência e ao crescimento espiritual.

De que maneira o conceito dos “Círculos de Lídia” – inspirados no grupo de mulheres liderado por Lídia que se reunia fora dos muros da cidade de Tiatira para entrar numa relação mais profunda com Deus e a comunidade da vida (Atos 16, 13-15) – é hoje uma esperança e uma inspiração para as pessoas religiosas?

Em nossas comunidades religiosas, estamos sendo incentivadas a formar “círculos de fé”, ou “grupos de partilha da fé”, não somente para nos oferecermos apoio mútuo na caminhada, como também para reforçar entre nós a vivência dos votos no dia de hoje. Nesses grupos, procuramos fazer com que a palavra de Deus seja mais viva no nosso dia-a-dia, descobrindo meios de expressá-la em ações proféticas.

Considerando os votos na era pós-moderna, percebemos que a vida religiosa não poderá continuar existindo como era no passado, quando eles eram praticados por aderência irrefletida, para cumprir, mecanicamente, certos conceitos que tornavam a vida estéril e vazia, tanto para os consagrados como para os leigos. Os votos roubam à vida religiosa as suas principais características e sua função eclesial, que é ser uma presença profética, o testemunho e a consciência de uma Igreja que se esquece da



razão essencial e principal motivação da sua existência e vitalidade.

A história de Lídia e do seu círculo de mulheres nos lembra que não podemos prestar testemunho do nosso chamado profético sem a vida de contemplação e a escuta da palavra de Deus com profundidade. A generosa hospitalidade de Lídia era uma ação imediata, espontânea e profética, um sinal do seu empenho para com Cristo e o seu evangelho. Acredito que no mundo fragmentado de hoje, nosso espírito místico e nosso senso de pertença a Deus deveriam nos abrir ao próximo e ao mundo para oferecermos a nós mesmas, às nossas comunidades e ao nosso planeta como meios de



hospitalidade não somente para a humanidade como para a inteira criação de Deus. Esse é, para mim, um dos maiores desafios que as nossas comunidades religiosas estão enfrentando, hoje em dia.

Poderia nos dizer algo sobre “a consciência verde e a vida religiosa”? Qual é o seu significado? Será um estímulo a vivermos como religiosas contemplativas e compassivas? Quais seriam suas implicações para as religiosas, a Igreja e a inteira criação?

Aqui na Ásia, a expressão “consciência verde da vida religiosa” se refere à crescente conscientização dos religiosos para escolher a vida e agir em prol de todos os seres diante da devastação que está causando o aquecimento global e outras formas de abuso e manipulação da natureza. Há uma crescente sensibilização sobre a questão ecológica e uma conscientização emergente de que, para ser autêntica, a espiritualidade da vida consagrada deve ser verdadeiramente ecológica.

Isso quer dizer que nós, os religiosos, devemos desenvolver uma convicção mais aprofundada da unicidade da criação, que nutre na sua vivência e espiritualidade os seguintes requisitos:

(a) participação e harmonia entre todos os povos;
(b) compaixão por aqueles que sofrem injustiça e arcam com as consequências das



calamidades naturais resultantes da cobiça e da manipulação irresponsável da natureza.

(c) relacionamentos pessoais e inter-pessoais que possam levar à comunhão e à solidariedade;

(d) reverência pela Terra;

(e) integração entre a espiritualidade e a tecnologia, em nome do evangelho.

Vejo claramente “a consciência verde da vida religiosa” como um convite a vivermos como contemplativas e compassivas, no nosso mundo de hoje. Os cinco pontos acima mencionados são os aspectos que nos convidam a crescer na nossa espiritualidade mística e contemplativa.

Já citei o exemplo concreto, na minha fala à UISG, do modelo com o qual concordaram tanto a Conferência dos Religiosos da Índia como outras Conferências semelhantes na Ásia — que o chamado para os religiosos de hoje é incorporar em cada aspecto da sua consagração o tema da “consciência verde da vida consagrada” para exprimirmos a nossa busca de Deus que se encontra presente “em cada realidade da natureza”.

Portanto, as pessoas consagradas que dedicam suas vidas a Deus estão sendo chamadas a desenvolver uma espiritualidade ecológica que é, em si, uma espiritualidade religiosa. Percebo muitas implicações desse fato para as mulheres religiosas, a Igreja e a inteira criação.

Mas deixem-me citar os pontos que eu considero serem os mais importantes na área da formação inicial e permanente:

- 1) As preocupações ecológicas devem entrar em parceria com as preocupações feministas porque ambas estão empenhadas não somente com as causas da justiça, paz e integridade da criação, como também contra o divisionismo que parece prevalecer nesta era pós-moderna.

O feminismo nos propicia uma perspectiva mais holística da espiritualidade que procura sanar todas as separações em prol da inteireza e da integração onde for necessário, e não menos na vida espiritual que anima cada pessoa e a toda a sociedade. É dolorosamente claro que o pensamento dualista continua a dividir e a fragmentar o nosso mundo, quando milhões de pessoas, sedentas de espiritualidade, anseiam por paz e união.

Enquanto mulheres de várias partes do mundo estão pedindo por uma nova espiritualidade, as pessoas estão despertando para o seu anseio de um tipo de espiritualidade que não se baseia no pensamento dual, porque acreditam ser isso o que continua a fragmentar o nosso mundo. Frequentemente, muitas mulheres se sentem, de fato, chamadas a uma nova espiritualidade baseada não somente na oração pessoal, como também no empenho pela justiça social que seja capaz de curar as divisões existentes e a fragmentação.

As mulheres estão convocando tanto as mulheres como os homens a expressar uma espiritualidade que afirme a Palavra de Deus no mundo, acolhendo tanto a transcendência como a imanência: uma espiritualidade que tome em consideração a inteireza das coisas, que sinta a relacionalidade que vincula o conjunto à unidade. O eco-feminismo nos oferece uma nova perspectiva do mundo e serve de desafio profético contra as injustiças sistêmicas e estruturais.

2) Estamos sendo chamadas a criticar constantemente a expectativa da vida religiosa “orientada à produção” e resgatar o nosso espírito místico. É triste constatar que em

muitas comunidades religiosas a oração se tornou uma rotina monótona, não sendo mais sentida como um sopro de vida do Espírito. Hoje, como antes, nos encontramos diante de um novo desafio e, conseqüentemente, do convite a voltarmos ao misticismo, à experiência de nos mantermos em íntimo contato com o divino para sermos tocados pelo espírito de Deus. A “consciência verde da vida consagrada” é um meio de ajudar a resgatar o nosso espírito místico.

3) É precisamente porque o mundo está se fragmentando e os sistemas como os conhecíamos estão entrando em crise que não se extingue a busca de autenticidade e coerência entre aquilo em que se acredita e aquilo que se faz. De fato, estamos agora mais conscientes de que o significado deve surgir de dentro de nós mesmos e não ser imposto externamente.

Com isso compreendemos que uma educação mais personalizada e uma formação humana são indispensáveis para intensificarmos o singular e irrepetível mistério de cada indivíduo. Já mencionei que a cada faixa etária corresponde uma atenção pela busca do “eu” autêntico, isto é, a pessoa tal como ela foi criada e chamada a existir. Mas no nosso mundo pós-moderno precisamos propiciar maior apreciação pelas complementariedades do nosso desenvolvimento humano e crescimento espiritual. Precisamos portanto incorporar à nossa formação religiosa uma abordagem muito mais

Perguntas para Reflexão:

Nas circunstâncias da sua vida, como pode você se tornar mais consciente da presença do sagrado em si mesmo/a, na vida dos outros e em toda a criação?

Num exercício espiritual, por que não orar com uma passagem escritural favorita na qual Jesus lhe fale diretamente – talvez o relato de uma cura ou de um encontro que Ele teve. Como seria para você refletir e “descobrir, de uma nova maneira, quais foram os valores e as atitudes de Jesus sobre seus mais fortes sentimentos, sobre as histórias de vida que o afetaram e o influenciaram, sobre o que era importante e memorável, tudo o que o comovia, tudo aquilo que Ele amava tão profundamente”?

Irmã Judette nos incentiva a abraçar a “consciência verde da vida consagrada”. Você acolhe esse estímulo como um convite a viver de maneira contemplativa e compassiva no mundo de hoje? Se é assim, poderia sugerir algum exemplo concreto?

É atraente para você o conceito dos “Círculos de Lídia”? (o grupo de mulheres que se reunia fora dos muros da cidade para entrar numa relação mais profunda com Deus e a comunidade da vida, mencionado em Atos 16, 13-15) Em que sentido?



. . . CONVERSACÕES